

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Isto É

Class.:

Garimpo/S. Pelada

Data

13/06/84

Pg.:

25

245

SERRA PELADA

COD.

O garimpo cercado

Estradas fechadas para pressionar Figueiredo

O sinal de ataque foi dado na quarta-feira passada, com o corte da energia elétrica e a interdição do aeroporto, mas a ação principal só começaria no dia seguinte. As 11 horas de quinta-feira, um bloco cerrado de 1.500 garimpeiros desocupados subiu de Imperatriz - 250 mil habitantes, a 1.208 quilômetros de São Luís, no Maranhão - para ocupar a ponte sobre o rio Cacaú, na altura do Km 1.346 da BR-010, da vital Belém-Brasília, e fechou a estrada. Na mesma hora, a força principal saía da praça Brasil, no centro de Marabá - 60 mil habitantes, a 386 quilômetros de Imperatriz e 985 de Belém, já no Estado do Pará -, iniciando sua marcha de 130 quilômetros na direção Oeste pela rodovia Transamazônica, rumo aos garimpos de Serra Pelada e Serra Norte. O objetivo da expedição era ocupar essas duas áreas, fechadas desde as chuvas do início deste ano - enquanto o governo discute em Brasília qual o sistema de mineração que será utilizado para reabri-las.

Eram 5 mil homens armados. No caminho, eles incendiaram uma ponte, um ônibus da Viação Transbrasiliana e um bordel e destruíram os acampamentos das empreiteiras que trabalham para a Companhia Vale do Rio Doce. Em Vila Parauapebas, onde a Vale do Rio Doce construiu um povoado para abrigar os funcionários que irão trabalhar na exploração mecânica do ouro de Serra Pelada, os garimpeiros depredaram as casas e desarmaram os oito soldados da delegacia de polícia local. Ao entardecer, Serra Pelada estava nas mãos da coluna.

A notícia da revolta dos garimpeiros alcançou o presidente João Figueiredo no início da noite de quinta, em plena rampa do Congresso Nacional, em Brasília. O presidente assistira ao lançamento do livro reunindo os artigos de seu pai, Euclides Figueiredo, e já se retirava em companhia do presidente da Câmara, deputado Flávio Marcílio (PDS-CE), quando foi alcançado pelo atarantado líder do PDS na Câmara, Nelson Marchezan, que o informou dos acontecimentos. Aquela altura, o bloqueio da Belém-Brasília já provocara

um congestionamento de 20 quilômetros de extensão. Para suspendê-lo, contou Marchezan, os garimpeiros exigiam que Figueiredo sancionasse, sem vetos, o projeto aprovado há suas semanas no Congresso que lhes garante mais três anos de trabalho em Serra Pelada.

"Não há força no mundo que me faça assinar esse papel. Não há força no mundo, Marchezan. E, se precisar, eu uso a força", reagiu, irritado, o presi-

Curio viajou para Imperatriz na madrugada de sexta-feira e já às 10h30m da manhã telefonou para Marchezan dando o primeiro balanço da situação. "Os garimpeiros já ocuparam toda a administração do garimpo e estão se sublevando por toda a região", explicou ele, prometendo, porém, que tentaria convencê-los a levantar o bloqueio nas estradas com a garantia de que o presidente sancionaria o projeto assim que a situação se regularizasse.

Aparentemente, não haveria nenhum motivo para que os garimpeiros temessem pelo futuro do projeto. Afinal, foi o próprio governo quem o enviou ao Congresso. Mas o projeto inicial previa que a administração de Serra Pelada ficaria a cargo do DNPM - Departa-



O ataque dos garimpeiros: escritórios da Vale do Rio Doce incendiados

dente da República. Marcílio, que estava entre os dois, tentou desconstrair o ambiente, brincando com Marchezan: "Viu? Em vez de cuidar disto, você fica aqui. É isto que dá". Mais calmo, Figueiredo ouviu a promessa de Marchezan: "Pode deixar, presidente. Vamos fazer o possível".

Por mais de uma hora, naquela mesma noite de quinta-feira, Marchezan reuniu-se com o deputado Sebastião Curio (PDS-PA), tenente-coronel da reserva e antigo organizador do garimpo de Serra Pelada, sua principal base eleitoral. Durante muitos anos o principal homem do SNI na área do Araguaia-Tocantins e profundo conhecedor da guerra de guerrilhas, Curio é o inspirador, em Brasília, da idéia de manter a extração do ouro nas mãos dos garimpeiros.

mento Nacional de Produção Mineral e, através de uma emenda, Curio imaginou que o serviço pudesse ser repassado à Associação dos Garimpeiros. Assim, é em defesa dessa parte da lei que Figueiredo reluta sancionar que eles se amotinaram, seguindo o exemplo dos índios Txucarramãe que no mês passado derrubaram o ex-presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima (ISTOÉ nº 386). Os índios lutavam, porém, contra um burocrata do segundo escalão, enquanto os garimpeiros pressionam nada menos que o presidente da República. À noite de sexta, Curio aparentemente conseguiu um acordo com os garimpeiros rebeldes: eles concordaram em desobstruir a rodovia Belém-Brasília, mas continuaram com dois reféns, entre eles um major da polícia militar do Pará.